

Jorge Bafico

Casos loucos

AMOSTRA



ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL

PRÓLOGO NOVO PARA UM LIVRO QUE SOA ANTIGO...

Querido leitor,

Estou escrevendo o prólogo do meu próprio livro, escrito há anos, pela segunda vez. Uma experiência estranha, devo confessar. “Casos locos” foi o primeiro livro que escrevi sozinho (embora tenha escrito outros como compilador ou coautor) e tenho um carinho especial por ele. Foi em 2006, eu tinha trinta e seis anos, hoje tenho alguns a mais, e até um filho a mais. Muitas coisas aconteceram nestes sete anos: nascimentos, mortes, decepções, alegrias, enfim, a própria vida. “Casos locos” marcou um antes e um depois em minha vida. O livro teve um sucesso relativo. A partir dele vieram outros e abriu-me portas para lugares inesperados, como ter uma coluna no rádio ou um espaço fixo na televisão, mas, acima de tudo, para algo que sempre quis fazer: escrever para um público mais amplo do que o estritamente psicanalítico. Acredito que é um estilo que cultivei ao longo dos anos, mas este livro foi o começo.

A experiência do processo de escrita permitiu-me conectar-me com oficinas literárias e, sobretudo, com o grande Rafael Courtoisie, que me ensinou alguns truques de narrativa, mas, acima de tudo, encorajou-me a escrever sem medo. A

partir de “Casos locos”, pude integrar aspectos como a literatura, a música, o humor, que vão além do técnico. Não sei se isso é melhor ou pior, simplesmente é o que escolhi fazer.

Confesso que nunca pensei em reeditar este livro. Na verdade, meu livro “Coisas que acontecem” é uma nova leitura de vários dos casos que aparecem em “Casos locos”. No entanto, Fernando Preza, o editor da “Psicolibros Universitario”, vinha me sugerindo a possibilidade de reeditá-lo há mais de dois anos. Seu sincero interesse e sua disposição me contagiaram, e depois de alguns ajustes editoriais, convenci-me de editá-lo novamente. Meu agradecimento a Julián Ubiria, Diretor de Edições Gerais no Grupo Santillana, por permitir-me editá-lo em outra editora com a qual estou atualmente associado.

Deixei tudo como estava porque, embora não seja mais o mesmo daquele momento, e haja coisas que poderia ter mudado no texto, prefiro deixar como era. Apenas acrescentei dois casos sobre o filme “Cisne Negro” e a heroína da trilogia “Millennium”, Lisbeth Salander. Parece-me que ambos os casos seguem a linha deste livro e acrescentam mais do que preenchem.

Pude influenciar diretamente nesta nova capa, ao contrário da edição anterior. Agradeço a Leonardo de Mello por me presentear com a fotografia e ao meu amigo Ernesto Anzalone pelo design da mesma. Como mencionei, mudei bastante em sete anos, mas ainda mantenho a mesma paixão e curiosidade pela loucura, e espero, querido leitor, que este livro reflita isso.

Montevideú, junho de 2013.

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| PRÓLOGO NOVO PARA UM LIVRO QUE SOA ANTIGO..... | 7 |
| A MANEIRA DE INTRODUÇÃO..... | 13 |
| OS MOTIVOS DE UM ASSASSINO..... | 17 |
| O ato | 19 |
| Atos de loucura..... | 21 |
| Um pouco de história..... | 22 |
| O depois..... | 28 |
| O estranho caso da mulher diabo | 29 |
| O guarda-chuva sicário..... | 31 |
| O diagnóstico | 32 |
| HISTÓRIAS DE LUTO E LOUCURA..... | 33 |
| Um delírio compartilhado? | 33 |
| Uma maternidade louca..... | 34 |
| O drama do imaginário..... | 35 |
| A culpa massiva na loucura histórica..... | 37 |
| A parafernália do corpo histórico | 39 |

| | |
|--|----|
| O AMANTE | 41 |
| Uma conversa pode desencadear um delírio? | 41 |
| O casulo..... | 43 |
| A elisão no imaginário | 45 |
| A elisão do simbólico..... | 46 |
| O ocaso de um amor..... | 46 |
| | |
| O ERRANTE MAIS CENTRADO DO MUNDO..... | 47 |
| Controvérsias..... | 49 |
| O homem que se bastava a si mesmo (mas com os outros)..... | 50 |
| A máscara cai, o rosto psicótico aparece | 52 |
| | |
| A DIFÍCIL ARTE DE SOFRER | 57 |
| Ato I: Protagonistas..... | 57 |
| Ato II: O caso..... | 61 |
| Ato III: Autópsia | 65 |
| Ato IV: Finais..... | 69 |
| | |
| O PIANISTA | 73 |
| Capítulo I: O piano..... | 73 |
| Uma história..... | 74 |
| A nebulosidade danificada..... | 76 |
| O tormento | 78 |
| O ocaso..... | 79 |
| O retorno do filho escasso..... | 80 |
| Uma perplexidade..... | 82 |
| Capítulo II: A mulher..... | 85 |
| O outro lado do amor: a construção do mito, o eu ortopédico..... | 91 |
| Delírios cicatríciais: permissão para desfrutar..... | 91 |
| A resposta dinâmica: da perplexidade ao tráfico..... | 94 |
| Instalação definitiva da paranoia: tudo está calculado..... | 95 |

| | |
|---|-----|
| Como essa correção é realizada em David?..... | 100 |
| UM CRIME CELESTIAL; DOIS A AMAREM-SE..... | 101 |
| Capítulo I: O assassinato..... | 101 |
| Suspeitas..... | 102 |
| A garota sombria: Pauline Parker Rieper..... | 105 |
| A bela imaginativa: Juliet Hulme..... | 108 |
| O relatório psiquiátrico | 110 |
| O “Quarto Mundo”..... | 113 |
| Capítulo II: O julgamento, a versão celestial | 116 |
| Testemunhos..... | 119 |
| A punição..... | 124 |
| Capítulo III: A loucura do gozo..... | 125 |
| Capítulo IV: O delírio de Pauline..... | 127 |
| Capítulo v: O caso Rieper: O lugar do vazio?..... | 139 |
| Capítulo VI: O peso do nome: Pauline-Gina-Nathan..... | 142 |
| | |
| LISBETH SALANDER: UMA HISTERIA ATUAL | 147 |
| | |
| O CISNE NEGRO: RETRATO DE UM DESENCADEAMENTO..... | 152 |
| A perplexidade | 156 |
| Os fenômenos de franja..... | 158 |
| O desencadeamento da psicose..... | 158 |
| | |
| O HOMEM-ARANHA: A TRAGÉDIA DO DESEJO | 161 |
| Uma estrutura de ficção repetida | 161 |
| Aracnídeo pós-moderno..... | 163 |
| História de amor | 164 |
| A renúncia ao desejo | 165 |
| | |
| Referências bibliográficas..... | 169 |

A MANEIRA DE INTRODUÇÃO

Três lembranças emergem nitidamente sobre este livro.

A primeira, da minha infância, conserva até o cheiro peculiar do mar rochoso de Punta Fria: sentado no chão da minha casa de veraneio (quando ainda minha família podia se dar a esses luxos), ouvindo as histórias de pacientes loucos que meu tio contava.

Meu tio possuía essa facilidade que alguns têm na arte da oratória; sempre ávido por um público fascinado, ele contava durante horas, histórias reais ou inventadas, ou talvez uma mistura das duas.

Ele descrevia suas experiências de um asilo psiquiátrico administrado por sua família, na zona de Colón, em que se apresentavam os mais diversos tipos de patologia fantástica que alguém pudesse imaginar. Muito tardiamente percebi que os contos eram apenas isso, contos, e que meu tio era mais fantasioso do que eu podia suspeitar. Mesmo assim, essas lembranças sempre permaneceram intensamente presentes em mim, através da pergunta: Por que alguém se torna “louco”?

O segundo, mais próximo da minha juventude, está ligado a uma adolescente que conheci e que sofria de crises estranhas, indescritíveis e horríveis.

Uma representação apocalíptica, uma dor exasperante e inenarrável se apoderava dela e a transformava em outra pessoa. Seu mundo desaparecia e tudo se transformava em um pesadelo do qual ela não podia acordar. Algo terrível para ela, mas também para aqueles ao seu redor, que só podiam participar como espectadores secretamente estremecidos.

Com o tempo, aprendi a nomear isso que intimidava: loucuras histéricas. Fragmentações, despersonalização, paralisias funcionais e paroxismos marcavam a impressão de suas crises como um espetáculo, porque algo disso tinham.

A experiência com esta adolescente provocava, em mim, dois sentimentos conflitantes: por um lado, grande consternação, mas por outro, devo reconhecer, uma imensa curiosidade.

O terceiro, e último, é mais recente e tem a ver com minha prática como psicólogo nas prisões do Uruguai.

Sendo um psicólogo novato, integrei por algum tempo os destacamentos do Instituto Nacional de Criminologia. Um dos primeiros casos que tive que diagnosticar foi o de “Maradona”, um preso que, além de possuir certo talento para o futebol - daí o apelido -, tinha a exótica particularidade de poder falar com o próprio número dez argentino. A ressalva era que ele só conseguia fazer isso através do seu joelho esquerdo; a articulação se oferecia como uma espécie de telefone celular que recebia a voz do astro argentino.

O “Maradona” uruguaio conviveu em certa harmonia com seu joelho sinistro e seu ídolo por um tempo, mas em determinado momento se descompensou. Um psiquiatra o examinou, reconheceu o delírio e recomendou ao médico tratante de plantão que lhe aplicasse cinco injeções de um antipsicótico muito potente. Era desnecessário para o profissional explicar ao colega que o psicofármaco era administrado em uma injeção por mês, pois seu poder persistia por trinta dias. A questão é que o médico não entendeu, ou não

tinha afinidade com o deus argentino, então as cinco doses foram aplicadas no mesmo dia. O pobre “Maradona” quase morreu como resultado da terrível experiência.

Quando me pediram para vê-lo, seu estado, no melhor dos casos, era calamitoso. Perguntei, depois de ouvir por um tempo sons quase ininteligíveis dele - resultado do trabalho dos medicamentos -, se ele ainda estava se comunicando com Maradona.

Sua resposta me impressionou; em uma linguagem balbuciante e babando, ele me disse: “às vezes se corta, a linha não está boa, mas sim”. Maravilhosa frase que descobre e leva a pensar na localização da loucura, e em sua persistência além da medicação.

Escrevo sobre a loucura, provavelmente, desde sempre, mesmo sem saber: de fato, a maioria dos meus trabalhos anteriores a este livro giram em torno desse tema, talvez como uma forma de abordar o inenarrável da escuta da loucura. Talvez, também, pela dificuldade de uma prática que é realizada sozinha, mas que se torna impossível - ao meu ver - se realizada na solidão.

A prática clínica me levou a estar em contato muito próximo com aqueles pacientes que são rotulados na gíria popular como “loucos”, e eles não deixam de pertencer a uma clínica particular dentro da singularidade que a prática analítica possui. É por isso, e muito mais, que escrevo sobre os casos loucos, aqueles que sustentam minha prática: como o assassino, como a mulher diabo, como o errante, o amante ou o suicida. Mas também sobre alguns eventos sociais que, de alguma forma e em algum momento, me atravessaram: como as adolescentes assassinas, o pianista ou o Homem-Aranha.

A loucura ainda hoje me maravilha como uma tentativa de laço com o outro, como uma tentativa de gritar uma razão, mesmo que seja louca, daquilo com o qual o sujeito não pode lidar.

AMOSTRA

OS MOTIVOS DE UM ASSASSINO

A janela, bastante estreita na verdade, ainda assim revelava uma paisagem esplêndida. Um verde intenso, com ondulações quase imperceptíveis, destacava ainda mais uma pequena lagoa que se impunha diante de mim. Por um instante, esqueci-me de tudo, acompanhado por alguns raios de sol tênues que se filtravam no quarto. Tudo isso me transportava a uma sensação suave, contraditória com a estética do lugar.

Um policial me indicou que o prisioneiro se aproximava, e rapidamente a panorâmica até então agradável deu lugar à crua realidade do presídio. Virei meu olhar e distingui as paredes machucadas e as portas desgastadas, que permaneciam como testemunhas inertes do terrível confronto que havia ocorrido, pouco tempo antes, naquela penitenciária situada em um paradoxo: a cidade de Libertad.

Em um dos poucos lugares acolhedores que essa cela cinza oferecia, encontrei-me com o primeiro preso a ser diagnosticado após a rebelião.

O homem que eu tinha que entrevistar não havia participado do episódio, nem sequer estava preso na época, e ninguém sabia ao certo por que ele estava lá.

Geralmente, alguns elementos coincidem nos diferentes crimes e em quem os comete. Também o passar do tempo

e a rotina dentro das prisões fazem com que os discursos carcerários se repitam e talvez também as perguntas que os técnicos fazem aos presos. Tudo se transforma, muitas vezes, em um longo e morto devir. No entanto, o homem com quem eu teria vários encontros me ofereceria uma peculiaridade rara: o inexplicável.

Um homem bem vestido, sério, diferente do que se vê na população carcerária em geral, sem antecedentes criminais, estendeu-me a mão e sentou-se. Ele não estava muito interessado em contar sua história, nem em negar o fato, como faz a maioria dos presos; ao contrário, mal me disse seu nome, Juan, e, como uma forma de apresentação, assumiu seu crime, não com orgulho, mas com convicção. Ele não estava interessado em pedir nada, estava “calmo”, como ele próprio dizia.

“Eu o matei e o mataria novamente, porque ele não me deixou contar as vacas”, foi sua enigmática apresentação, seca, concisa e direta, quase como a forma como sua faca de trinta centímetros de lâmina penetrou mortalmente a carne de seu rival.

O relatório indicará que foi uma “ferida penetrante no flanco esquerdo com hemotórax provável e fusão hepática” e, o que causou definitivamente sua morte, “ferida penetrante no coração”.

Sua declaração não foi diferente de sua entrega. Quando a polícia chegou, não houve necessidade de investigar muito sobre a identidade do assassino. Eles o conheciam bem, ele era o capataz da fazenda da vítima esfaqueada. Ele estava contando o gado tranquilamente no mesmo local onde o cadáver estava.

Assim que terminou sua tarefa de contar o gado, confessou, sem rodeios, a autoria do crime.

O ato

Momentos antes do sombrio desfecho, Juan estava reunindo o gado para contá-lo, já que é uma norma que o capataz da fazenda, ao finalizar seu contrato de trabalho, deve apresentar um inventário da quantidade de cabeças de gado. Isso é fundamentado na necessidade de que haja controle por parte do proprietário da terra. Geralmente, isso não está estipulado em um documento escrito, mas constitui uma prática nas empresas.

O motivo de seu afastamento não foi marcado por uma renúncia, mas sim por ter sido demitido. O único vestígio possível de sua demissão era ter pedido, pela primeira vez em dezoito anos, um aumento de salário.

Uma vez removido de suas funções, foi concedido, a seu pedido expresso, um prazo de dois dias para realizar a contagem do gado.

Na manhã em que Juan estava terminando a tarefa de registro, seu patrão apareceu. Exatamente vinte horas antes do combinado.

A escrupulosidade, a rigorosidade e a ordem eram questões primordiais para Juan, referências em sua vida e motivo de orgulho.

Pelo contrário, essas não eram características próprias do patrão, cujas mudanças constantes de planos e confusões eram constantes em suas ações.

- “O que você ainda está fazendo aqui? Eu disse para você ir embora...
- Mas patrão, era amanhã, tenho que terminar de contar as vacas.
- Você vai embora agora e para de encher o saco..”

O diálogo aumenta de voltagem até terminar em uma discussão. A única em dezoito anos. Juan insiste que não pode sair sem contar o gado antes, já que isso é inerente à sua função e, além disso, foi o combinado anteriormente. Ele não entende diante da recusa, ele se enfurece e, pela primeira vez, olha nos olhos de seu patrão e o insulta. Começam a discutir, a tensão aumenta a tal ponto que Juan perde o controle. Sua raiva é incontrolável e brutal. Ele não consegue evitar atacar seu rival e esfaqueá-lo.

Devido às dúvidas que esse caso levanta quanto aos seus motivos, a polícia recorre à consultoria pericial psiquiátrica e psicológica para tentar estabelecer as razões que de alguma forma esclareçam a subjetividade do ato de Juan.

No entanto, os peritos não encontram nada em várias entrevistas no período imediatamente após o ato que sugira sua inimputabilidade. Não há indícios de delírio, nem de desestruturação da consciência, nem de qualquer outro indicador semiológico que o sugira.

O que surpreende os especialistas é o estilo do crime, em particular, a brutalidade do homicídio que não parece estar relacionada com o sujeito que o comete. Se há um atributo principal de Juan, destacado pelos dados de sua vida assim como pelos diferentes relatórios psicológicos e psiquiátricos, é sua falta de agressividade.

Juan é processado e posteriormente condenado pelo crime de “Homicídio”, e recebe uma sentença de sete anos de prisão, uma pena que formalmente é bastante leve para o Uruguai em relação ao tipo de crime cometido.